revista de

POLVOREIRA

GUIMARÃES

UCCI - S PEDRO de POLVOREIRA - É NECESSÁRIO CUIDAR!

passado

presente

futuro

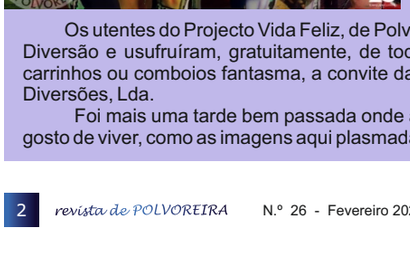
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA - NÃO É NECESSÁRIO MATAR!

FEVEREIRO 2020

Número: 26

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA

Utentes do projeto Vida Feliz de Polvoreira, numa visita ao REINO da Diversão



Os utentes do Projecto Vida Feliz, de Polvoreira visitaram, no dia 6 de Fevereiro, o Reino da Diversão e usufruíram, gratuitamente, de todos os divertimentos, desde carroceis pistas de carrinhos ou comboios fantasma, a convite da Tempo Livre e da ItinerantAmbition - Eventos & Diversões, Lda.

Foi mais uma tarde bem passada onde as gargalhas espontâneas dão bem a medida do gosto de viver, como as imagens aqui plasmadas documentam!

TEMPO LIVRE
GUIMARÃES

Tempo Livre é uma cooperativa criada ao abrigo do artigo 6º do Código Cooperativo, o que a define como régie-cooperativa, ou seja cooperativa de interesse público, atribuindo-lhe, por isso, a dignidade de pessoa colectiva de direito público.

Tempo Livre, identificada pelo acrónimo CIPRL, foi instituída em Janeiro de 1999, por iniciativa da Câmara Municipal de Guimarães, com 65 cooperantes, sendo a Câmara o seu principal accionista.

Tem sede social no Multiusos de Guimarães e emprega actualmente cerca de uma centena de funcionários, distribuídos pelas diversas infra-estruturas que estão sob a sua gestão. O seu campo de actuação direcciona-se em dois eixos fundamentais: Gestão do parque desportivo municipal e fomento e incentivo da prática desportiva.

A Tempo Livre gere ainda administrativamente o CMAD - Centro de Medicina Desportiva de Guimarães, um serviço inovador e pioneiro no País, vocacionado para todos os desportistas, estejam ou não integrados no sistema federado e/ou no escolar, que foi reconhecido como uma extensão dos Centros de Medicina Desportiva do IPDJ.

O procjeto Vida Feliz, promovido pela Tempo Livre e pela Câmara Municipal de Guimarães, visa proporcionar à população sénior com mais de 55 anos, do concelho de Guimarães, uma actividade física regular e devidamente orientada, tendo em vista a melhoria da sua qualidade de vida, sensibilizando-os para a adopção de um estilo de vida saudável.

freguesia de Polvoreira

Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

ÍNDICE

Nº 26 FEVEREIRO 2020

VALLES PEIXOTOS DE VILLAS-BÔAS
DA
CASA DE CARVALHO DE ARCA
e
A Quinta do Vale
do
Com.te João de Paiva de Faria Leite Brandão

O Cupido antes e depois de S. Valentim

ARCOV

UDP

polvoreira

FNA

DONDE VIEMOS

Artigo de Mota Reis, onde também se fala de Arrokoth, do Padre Lemaitre e... de Einstein.

Agora que tenho dores nas costas, tenho de viver com elas a vida toda?

ANDRÉ MAIA SILVA
Fisiatra - Médico especialista em Medicina Física e de Reabilitação,
no CliHotel de Guimarães

O Cantar dos Reis protagonizado pelos nossos miúdos

O 25 de Abril e a Junta de Freguesia

por, Vitorino

PRIMO LEVI

Diário de Teresa Gil
neste capítulo,
A ESTÓRIA DA RIBEIRINHA
por
Nuno A.P.O.E. de Abreu

EDITORIAL

Em 2012, o Centro Social de Polvoreira, presidido então pelo Padre Isaac, decidiu avançar com a criação da valência de cuidados continuados.

Para isso elaborou um projecto que apresentou ao QREN, que aí foi aprovado, obtendo com isso a verba de 1.325.134,21 euros, num total elegível de 1.893.048,88.

No início de 2013, avançou com a construção do edifício e, em fins desse ano, quando foi substituída, entregou à nova direcção a estrutura do edifício já concluída.

Entretanto, os novos responsáveis, logo que tomaram posse, anunciaram do alto da sua cátedra, que a construção era megalómana, punha em causa a própria sobrevivência do Centro Social e que havia que procurar um comprador que o libertasse do monstro que o engoliria.

Em 16 de Setembro de 2016, era inaugurado "o monstro", com pompa e circunstância, agora denominado "*Unidade de Média Duração e Reabilitação do Centro Social da Paróquia de Polvoreira*". No *site* daquele Centro, escreveu-se:

"***O Centro Social da Paróquia de Polvoreira, imbuído do seu papel de serviço ao próximo no amor cristão, abriu as portas a um serviço de enorme relevância social, que, além de perpetuar o nome de Guimarães, preencherá uma lacuna que na zona Norte se fazia sentir… De forma humilde, tentámos fazer jus às palavras do Santo Padre, o Papa Francisco, fazendo desta "uma ilha de misericórdia no meio de um mar com tanta indiferença perante o próximo".***

Em Novembro de 2019, Dom Jorge Ortiga, numa entrevista à Rádio Renascença, numa espécie de balanço do seu Arcebispado, dizia:

" ***Hoje sabemos que é muito complicado encontrar um lugar numa unidade de cuidados continuados ou paliativos, e esta é que devia ser a verdadeira resposta"*** .

Agora, perante a despenalização da eutanásia, a Igreja insiste que a solução, tal como a direcção do Centro Social de Polvoreira o entendia já em 2012, passa pela prestação de cuidados continuados. Hoje recordo a história e fico a pensar:

- Como é possível dizer-se, por um lado, que a iniciativa da direcção presidida pelo Padre Isaac era megalómana e criara um monstro de que se deviam livrar urgentemente e, mais tarde, sem um mero acto de contrição, clamar para si, "de forma humilde", a decisão de "criar uma ilha de misericórdia no meio de um mar com tanta indiferença"?

Afinal quem foi que, de forma humilde, tomou a decisão? E quem foi que, perante ela, tentou construir um mar de indiferença pelo próximo, enlameando os seus autores?

Sinto muito orgulho na colaboração que dei ao Padre Isaac e do património que o ajudei a construir no Centro Social da minha freguesia e isso permite-me relevar a atitude que quer exibir pretensiosamente os louros pela obra feita.

DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva

DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costagueireiro,lda - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com

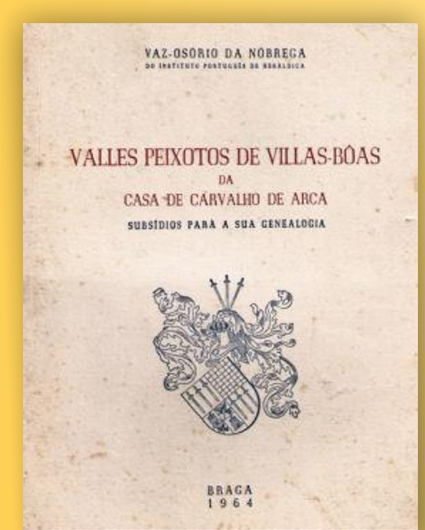
PROPRIEDADE E EDIÇÃO: **Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.**

Quinta do Vale

Parte 7

Como aqui várias vezes já referi, Maria Adelaide P. de Moraes, publicou um livro com o título, "Velhas Casas", onde elenca vinte e duas casas brasonadas de Guimarães. Nelas, todavia, não inclui a casa de Carvalho d'Arca, mais conhecida, a partir de meados do século XVII, como aqui temos vindo a historiar, como Quinta do Vale.

Penso que o não faz por dois motivos. Por um lado, existe já um trabalho aprofundado levado a cabo por Artur Vaz-Osório, denominado "*Valles Peixotos de Villas-Bôas da Casa de Carvalho d'Arca", e*studo em que me apoiei, muitas vezes, para elaborar um trabalho sobre os Valle-Peixoto. Por outro, sendo o título da obra "*Casas Velhas*", a actual Carvalho de Arca não caberia, certamente, em tal conceito.



De qualquer forma, penso que será menos correcto falar de Casa de Carvalho de Arca quando, como já dei conta, Carvalho de Arca não existia como casa palaciana mas como um mero casal pertencente a D. Jaime, duque de Bragança, que o emprazou a Duarte Vaz, em 1526. A primeira casa palaciana só foi contruida em meados do século XVII, pelos Valles-Peixoto e é a partir daqui que passa a constituir uma espécie de interface, como é hoje usual dizer-se, para várias casas da região.

Como aí referi, os Peixotos, titulares de Carvalho d'Arca, provieram dos Peixotos da Casa do Arco, em Guimarães e, consequentemente, da Casa da Pousada.

Os Peixotos Villas-Boas, da Casa do Porto, em Lousada, provêm da Casa de Carvalho d'Arca, depois de estes terem ido a Braga repescar uma Villas-Boas e "novecentos mil reis e mais enxoval", de dote.

Os Brandão de Melo Pereira Lacerda, da Torre da Marca, no Porto, vieram buscar a Carvalho D'Arca, Brites Peixoto Villas-Bôas, para renovarem o sangue, um tanto ou quanto exangue, dos Brandão de Melo, oriundos de um castelhano e de uma Brandoa, de Vila da Feira.

A casa actual de Carvalho d'Arca foi totalmente reconstruída pelo Comandante João de Paiva que muitos Polvoreirenses ainda conheceram. Quando a recebeu, em 1906, estava completamente degradada. De tal forma que, quatro dezenas de anos antes, em 9 de Junho de 1864, o então titular, Filipe Maria José, 1º marquês de Monfalim, teve de se hospedar no Hotel Vimaranense quando, nessa data, se deslocou à cidade de Guimarães e nela teve de pernoitar.

A família Leite Paiva Brandão tem origem longínqua e Manuel A. Soveral, historiador e genealogista que escreveu um artigo intitulado "*Paiva Brandão de Braga – uma descendência em Gondomar*", situa-a em 1500, em Braga. A propósito da invenção da televisão, demos conta na revista de Julho, do ano passado, que o Comandante João de Paiva era irmão do seu inventor, Adriano Paiva Brandão.

Analisando o seu brasão, e segundo o Armorial Lusitano, as três flores-de-lis alinhadas em banda representam os Paiva de Baião que descendem de João Soares de Paiva, *"O Trovador*", que casou com uma filha de João Fernandes, de Riba-Vizela, e consequentemente era tio do nosso Gil Martins. Ou seja, os Paiva Brandão, ao fixarem-se em Polvoreira apenas regressam à terra que, setecentos anos antes, era terra dos seus antepassados.

Mas debrucemo-nos especificamente um pouco mais sobre o Comandante João de Paiva.

Segundo uma pequena biografia de Joaquim de Silva Gomes, João de Paiva foi um "*homem multifacetado*." Nascido em 10.05.1877, foi Governador do Funchal, de Fevereiro de 1908 a Janeiro de 1910, e vereador da Câmara do Porto, de 1936 a 1938, de cuja actividade deu conta em livro. Como referi no mês anterior, João de Paiva enviuvou de Teresa Holstein Beck, em 23 de Dezembro de 1906. Consequência da tragédia, João de Paiva herdou Carvalho d'Arca e o Paço de Paredes em Meadela, Viana do Castelo.

Mas antes de casar, segundo Vaz-Osório, João de Paiva, era já senhor da casa do Pomar, em Taíde, na Póvoa de Lanhoso, da do Rio, em Gondizalves, no termo de Braga, e da do Campo de Santiago, naquela cidade.

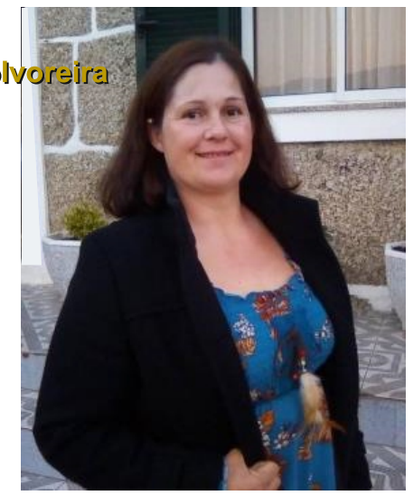
Cerca de três anos mais tarde, conheceu Maria Vera de Castelbranco Machado com quem casou no Funchal, a 11 de Setembro de 1909. Poderia, então, ter escolhido qualquer daquelas casas para sua residência de Verão. Mas escolheu a Quinta do Vale donde, para além de um escasso rendimento agrícola, não colhia qualquer provento.

Acabado o mandato de Governador do Funchal e decidida a escolha, João de Paiva pôs mãos à obra e tratou de recuperar a casa de Carvalho d'Arca, praticamente abandonada pelos anteriores titulares, alguns dos quais nunca cá colocaram os pés.

No próximo mês continuaremos a história de um homem que nasceu em Braga, viveu na Foz do Douro, casou na Madeira e elegeu Covas para descansar em vida e Polvoreira para descansar a eternidade.

In "Covas as Origens e as Gentes"

Quem mandou lavrar o brasão de granito presente nesta habitação, foi João António da Costa de Paiva Leite Brandão, em meados do século XVIII.
Situa-se a mil e quinhentos metros do Mosteiro de Porto d'Ave, mesmo por trás do Santuário, antes Capela da Senhora do Rosário e depois Senhora dos Milagres. Uma das alas foi reconstruída, na década de 50 do século XX, pelo Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão! Por isso o seu nome consta da toponímia da freguesia, identificando uma rua.



O Mandato de Dora Silvana

Vimos no mês passado que, em Agosto de 2008, assumia a presidência da Direção do Rancho de Polvoreira, Dora Silvana. Mas quem é Dora Silvana?

De seu nome completo, Dora Silvana de Oliveira, Dora, como é conhecida, pertence a uma das famílias que mais participaram nas actividades da Paróquia e da Freguesia, no último século.

Isso mesmo foi aqui salientado, talvez sem a veemência necessária, no número 13 da Revista, editada há pouco mais de um ano. Aí dávamos conta que a família das Chicas, de que Dora é oriunda, é zeladora, há mais de noventa anos, do altar do Sagrado Coração de Jesus, e canta no coro da Igreja, desde que a "Fernandinha do Cunha" era a ensaiadora, já la vão mais de oitenta.

Não é pois de estranhar que Dora começasse a integrar o Grupo Folclórico de Polvoreira pouco depois de começar a andar e ter aprendido a dançar. Na verdade, aderiu ao grupo com a idade de seis anos, grupo a que já pertenciam, naturalmente, seus pais e seus irmãos mais velhos.

Começou pela dança e um pouco mais tarde, evidenciando a veia artística da família, iniciou-se a cantar. Foi crescendo, encetou a sua vida profissional a trabalhar no Centro Social da freguesia de Polvoreira e, espontaneamente, com o tempo, foi-se tornando mais interventiva, mais participativa no Grupo, convivendo com os altos e com os baixos que uma associação cultural de uma freguesia sempre atravessa.

Como referimos, em Agosto de 2008, assume a presidência da direcção do Rancho. Por essa altura, o presidente cessante, Carlos Oliveira, deu conta de uma transição directiva pacífica, sem hiatos nem crises e afirmou que a Dora Silvana, apesar da sua juventude, daria uma excelente presidente, pois sempre se dedicara de corpo inteiro ao grupo acompanhando atentamente o seu desenvolvimento.

Por seu turno, Dora Silvana, afirmou aceitar o desafio porque pensa que o GFP de Polvoreira está bem estruturado e agora caberá a ela dar continuidade ao trabalho até ali efectuado e para o qual esperava a contribuição de todos.

Quando falamos com Dora Silvana agora que deixou a direcção do Rancho, há já cerca de seis anos, perguntamos-lhe que balanço fazia do seu mandato.

- Assim à distância – afirmou - senti satisfação pelo dever cumprido. Desde a federação do Grupo que levei a cabo com a ajuda da direcção anterior, até às viagens que organizei aos Açores e a Tenerife, participando em festivais de folclore, passando pela edição de um CD, e pela organização de jantares aniversariantes, regozijo-me pelo meu trabalho. Tenho, ainda hoje, bem viva na memória, a reportagem levada a cabo pela TVI junto do nosso Rancho ou as palavras do Presidente da Câmara de Guimarães, António Magalhães, que, por vídeo conferência, entrou em directo quando actuavamos em Tenerife agradecendo o nosso trabalho em prol do folclore vimaranense.

Do fim do mandato guardo lembranças menos felizes - afirmou. Com a transição do titular na administração da paróquia acentuou-se o desgaste e uma menor participação de elementos do grupo, chegando a ponto de terem de pagar a tocadores para actuarem ou terem de esperar que acabassem actuações em outros eventos.

Acabando exausta, resolveu entregar o Grupo à Comissão Fabriqueira da Paróquia, contratando mesmo serviços jurídicos para a elaboração de um contrato que cumprisse os normativos legais vigentes. Todavia, à ultima da hora, tal solução não foi tomada pois apareceu uma lista que se propôs dirigir os destinos do rancho, que foi sufragada em assembleia geral e a quem foi entregue a pasta que lhe fora depositada em mãos e que ela durante seis anos tentou gerir da melhor forma que pode e soube.

Em nome dos Polvoreirenses obrigado, Dora Silvana!

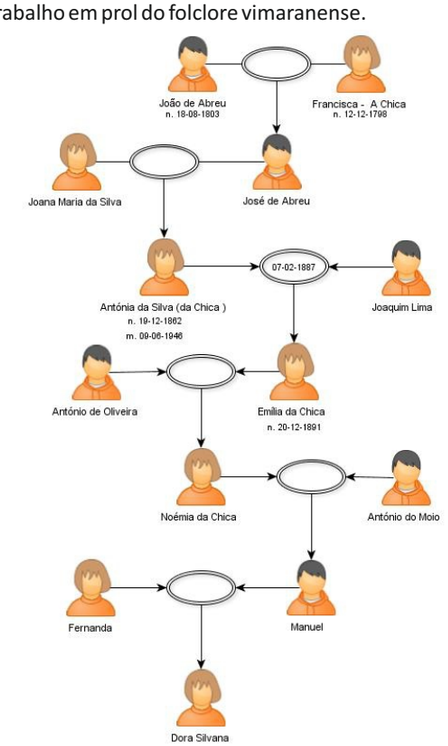
António Gomes

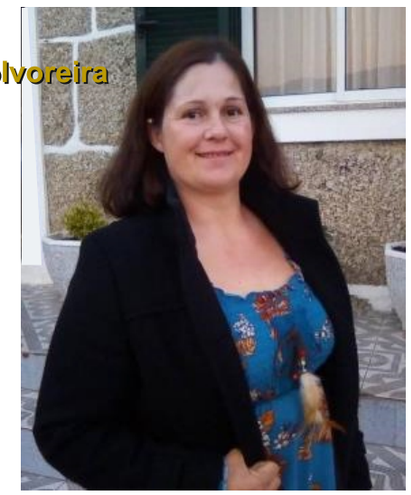
Árvore genealógica das «Chicas»

Em homenagem à família das "Chicas" que afinal também é a dos "Rasos", apresentamos, aqui ao lado, a sua árvore genealógica.

Na verdade, através dos livros de assentos da Paróquia de Polvoreira, o nosso colaborador Pedro Abreu, comprovou que "Chica", o diminutivo carinhoso de Francisca, tem origem em Francisca Luísa, nascida ainda no século XVIII. Casou-se com João Abreu, mais novo que ela cinco anos e juntos tiverem sete filhos. Um, José Abreu, casou-se com Joana Maria da Silva, originado que as "Chicas" tivessem o sobrenome Silva. Um outro, António de Abreu, casou-se em 19.10. 1851, com Albina Soares e deu origem à família dos Rasos.

Como curiosidade, assinala-se que, quando em 1968, Domingos Oliveira se casa com Maria Manuela Abreu, completa o circulo genealógico que Francisca Luisa e João Abreu haviam iniciado, cerca de 150 anos antes!





O Mandato de Dora Silvana

Vimos no mês passado que, em Agosto de 2008, assumia a presidência da Direção do Rancho de Polvoreira, Dora Silvana. Mas quem é Dora Silvana?

De seu nome completo, Dora Silvana de Oliveira, Dora, como é conhecida, pertence a uma das famílias que mais participaram nas actividades da Paróquia e da Freguesia, no último século.

Isso mesmo foi aqui salientado, talvez sem a veemência necessária, no número 13 da Revista, editada há pouco mais de um ano. Aí dávamos conta que a família das Chicas, de que Dora é oriunda, é zeladora, há mais de noventa anos, do altar do Sagrado Coração de Jesus, e canta no coro da Igreja, desde que a "Fernandinha do Cunha" era a ensaiadora, já la vão mais de oitenta.

Não é pois de estranhar que Dora começasse a integrar o Grupo Folclórico de Polvoreira pouco depois de começar a andar e ter aprendido a dançar. Na verdade, aderiu ao grupo com a idade de seis anos, grupo a que já pertenciam, naturalmente, seus pais e seus irmãos mais velhos.

Começou pela dança e um pouco mais tarde, evidenciando a veia artística da família, iniciou-se a cantar. Foi crescendo, encetou a sua vida profissional a trabalhar no Centro Social da freguesia de Polvoreira e, espontaneamente, com o tempo, foi-se tornando mais interventiva, mais participativa no Grupo, convivendo com os altos e com os baixos que uma associação cultural de uma freguesia sempre atravessa.

Como referimos, em Agosto de 2008, assume a presidência da direcção do Rancho. Por essa altura, o presidente cessante, Carlos Oliveira, deu conta de uma transição directiva pacífica, sem hiatos nem crises e afirmou que a Dora Silvana, apesar da sua juventude, daria uma excelente presidente, pois sempre se dedicara de corpo inteiro ao grupo acompanhando atentamente o seu desenvolvimento.

Por seu turno, Dora Silvana, afirmou aceitar o desafio porque pensa que o GFP de Polvoreira está bem estruturado e agora caberá a ela dar continuidade ao trabalho até ali efectuado e para o qual esperava a contribuição de todos.

Quando falamos com Dora Silvana agora que deixou a direcção do Rancho, há já cerca de seis anos, perguntamos-lhe que balanço fazia do seu mandato.

- Assim à distância – afirmou - senti satisfação pelo dever cumprido. Desde a federação do Grupo que levei a cabo com a ajuda da direcção anterior, até às viagens que organizei aos Açores e a Tenerife, participando em festivais de folclore, passando pela edição de um CD, e pela organização de jantares aniversariantes, regozijo-me pelo meu trabalho. Tenho, ainda hoje, bem viva na memória, a reportagem levada a cabo pela TVI junto do nosso Rancho ou as palavras do Presidente da Câmara de Guimarães, António Magalhães, que, por vídeo conferência, entrou em directo quando actuavamos em Tenerife agradecendo o nosso trabalho em prol do folclore vimaranense.

Do fim do mandato guardo lembranças menos felizes - afirmou. Com a transição do titular na administração da paróquia acentuou-se o desgaste e uma menor participação de elementos do grupo, chegando a ponto de terem de pagar a tocadores para actuarem ou terem de esperar que acabassem actuações em outros eventos.

Acabando exausta, resolveu entregar o Grupo à Comissão Fabriqueira da Paróquia, contratando mesmo serviços jurídicos para a elaboração de um contrato que cumprisse os normativos legais vigentes. Todavia, à ultima da hora, tal solução não foi tomada pois apareceu uma lista que se propôs dirigir os destinos do rancho, que foi sufragada em assembleia geral e a quem foi entregue a pasta que lhe fora depositada em mãos e que ela durante seis anos tentou gerir da melhor forma que pode e soube.

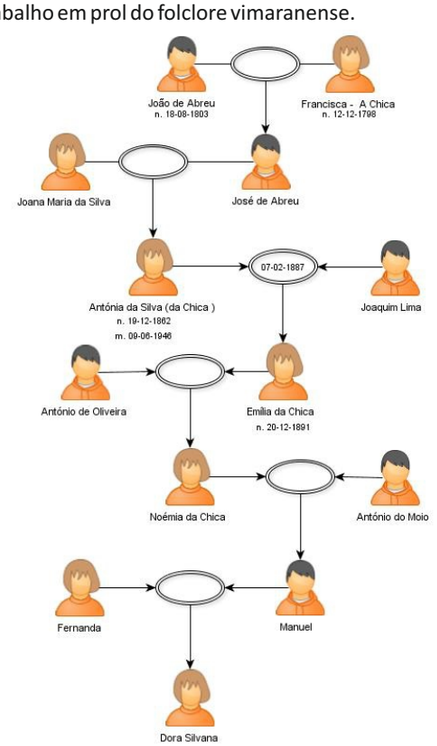
Em nome dos Polvoreirenses obrigado, Dora Silvana!

Árvore genealógica das «Chicas»

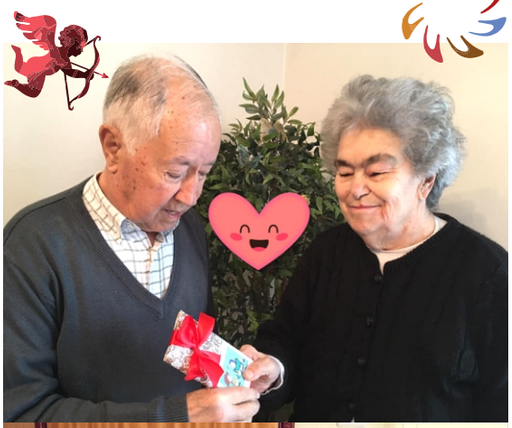
Em homenagem à família das "Chicas" que afinal também é a dos "Rasos", apresentamos, aqui ao lado, a sua árvore genealógica.

Na verdade, através dos livros de assentos da Paróquia de Polvoreira, o nosso colaborador Pedro Abreu, comprovou que "Chica", o diminutivo carinhoso de Francisca, tem origem em Francisca Luísa, nascida ainda no século XVIII. Casou-se com João Abreu, mais novo que ela cinco anos e juntos tiverem sete filhos. Um, José Abreu, casou-se com Joana Maria da Silva, originado que as "Chicas" tivessem o sobrenome Silva. Um outro, António de Abreu, casou-se em 19.10. 1851, com Albina Soares e deu origem à família dos Rasos.

Como curiosidade, assinala-se que, quando em 1968, Domingos Oliveira se casa com Maria Manuela Abreu, completa o circulo genealógico que Francisca Luisa e João Abreu haviam iniciado, cerca de 150 anos antes!



António Gomes



O Amor, o Carinho e a Amizade são intemporais e transversais às diferentes gerações

Cupido e Psique

Antes e depois de S. Valentim

A história de Cupido e Psique foi relatada por Lúcio Apuleio, na "Metamorfoses" - também conhecida como "O Asno de Ouro". Psique era a mais jovem das três filhas de um casal de reis, só que era tão, tão bela, que os homens, distraídos e apaixonados, começaram-se a esquecer de fazer suas oferendas a Vénus, a deusa da beleza.

Vénus, ciumenta e furiosa, chamou seu filho Cupido e disse-lhe: - Meu caro filho, preciso de um grande favor. Vai a terra e atira uma das tuas flechas de amor a Psique e faz com que ela se apaixone pelo homem mais feio do planeta.

Quando foi cumprir a missão, Cupido viu Psique e ficou impressionado com a sua beleza estonteante e, distraído, acabou ferindo-se com uma de suas próprias flechas, ficando perdidamente apaixonado pela rapariga.

Entretanto, os pais de Psique, preocupados, pois sendo Psique a mais bela das três filhas, era a única que ainda não havia casado, temeram que a beleza da filha pudesse ter enfurecido Vénus e por isso consultaram o oráculo de Apolo. Recebem a notícia de que os deuses tinham decidido, a pedido de Vénus, que Psique se não casaria com um humano, mas sim com um dragão terrível que vivia no alto de uma montanha.

A pobre rapariga sentindo que não poderia fugir ao destino decidido pelos deuses, vestiu-se com roupas funerárias e foi ao encontro do monstro. Todavia, ao chegar ao topo da montanha, um vento forte arrastou-a para um pequeno bosque onde deu com uma casa majestosa, com paredes de prata ornamentada e os pisos assentes em colunas de ouro. Ouviu uma voz que lhe pede para se servir do banquete exposto em luxuosa mesa. Enquanto come, fala com alguém que não vê, de quem só ouve a voz e que lhe pede para, depois do repasto, entrar num quarto escuro onde se amam.

Vive assim um tempo, até que, um dia ,recebe a visita das irmãs. Ao ver o palácio onde a irmã vive, invejosas, aconselham-na a terminar o romance com o monstro que de certeza o é, dado nunca se mostrar. Psique, contrafeita, aceita a recomendação e, uma noite, enquanto o monstro dormia, Psique, armada com uma adaga, decide matá-lo. Mas ao acender uma lamparina descobre que, na verdade, o seu amante é o próprio Cupido, uma das criaturas mais belas que Psique havia visto na vida.

Atrapalhada e assustada, foge mas, ao fazê-lo, fere-se numa das setas de Cupido e fica para sempre apaixonada. Entretanto derrubara, na pressa, óleo quente da lamparina sobre Cupido que, de imediato, levanta as suas asas e foge também.

Psique procura Cupido e acaba por ir falar com Vénus, a sogra. A deusa, vingativa, ciumenta da sua beleza, em vez de a ajudar, impõe-lhe tarefas impossíveis de cumprir. O mito termina com Cupido a implorar a Júpiter, o deus supremo, que interceda por eles junto de Vénus. Júpiter, num acto de justiça, obriga Vénus a anular as maldições e transforma Psique em imortal. Cupido acaba por casar com Psique de quem tem uma filha a quem põe o nome de Prazer.

rubrica

associativismo

A Liga Mini, evento desportivo promovido pela Câmara Municipal de Guimarães e Tempo Livre, arrancou no fim de semana de 15 de Fevereiro, e teve como palco o Parque Desportivo dos Carvalhos. O tema deste primeiro momento foi a Psicologia e a Nutrição.

A equipa de futebol 7 da ARCOV acaba de fazer a dobradinha ao vencer a taça Minho, juntando assim esta ao campeonato. Mais um título para a nossa equipa que na próxima semana vai lutar pelo título nacional em Cortegaça.
PARABÉNS, seguimos juntos!!!

Associativismo

No contexto da Revolução Liberal portuguesa, após 1820, a defesa dos direitos e liberdades do cidadão, a abolição dos forais, ordens religiosas e Corporações e o início do tímido surto industrial, deram origem a uma alteração significativa na área do movimento associativo como forma inovadora de organização da vida pública, própria das sociedades modernas.

Mas será após a revolução do 25 de Abril de 1974 que se abrem novos horizontes ao movimento associativo português, num quadro de estímulo à participação popular, de reconhecimento das liberdades e direitos de cidadania.

Fruto dessa alteração, encontramos hoje em actividade registadas milhares de entidades associativas - Associações, Fundações, Cooperativas, Centros Paroquiais, Sociais, Recreativos, Misericórdias, Clubes - que envolvem muitos colaboradores, diretos e indiretos, e desenvolvem a sua atuação em prol de uma comunidade, território ou população.

Neste contexto, podemos afirmar que se deram passos significativos no sentido dos preceitos de livre associação, expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos que consagra que "toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas"

O mesmo é referido na Constituição Portuguesa que estabelece que "os cidadãos têm o direito de, livremente e sem dependência de qualquer autorização, constituir associações, desde que estas não se destinem a promover a violência e os respectivos fins não sejam contrários à lei penal" .

Respeitar e apoiar as Associações é um dever de qualquer cidadão consciente dos seus deveres cívicos .

E Polvoreira fervilha de movimento cívico como aqui fica bem demonstrado.

FNA

NOVA JORNADA DE TRABALHO NO PCEG

No sábado, dia 08 de Fevereiro, realizou-se uma nova jornada de trabalho no PCEG – Penha Centro Escutista de Guimarães.

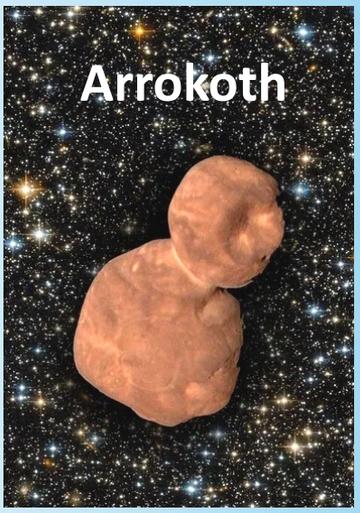
Alguns Escuteiros da FNA de alguns Núcleos do Concelho de Guimarães, incluindo o nosso associado JOAQUIM FERNANDES, responderam estar "alerta para servir" a uma nova solicitação da Junta de Núcleo de Guimarães do CNE. Aí, realizaram uma jornada de trabalho, em que estava prevista a construção de um novo telheiro, que servirá para abrigo de materiais. A obra ficou quase concluída, apenas falta a colocação da telha.

Cristina Costa

rubrica

dos porquês,

DONDE VIEMOS



Sob o titulo, "Kant tinha razão", vi há pouco noticiado que a sonda New Horizons, após seis mil milhões de quilómetros de viagem, trouxe informações sobre um corpo celeste, o **Arrokoth**, comprovando que os planetas do Sistema Solar se formaram quando uma nuvem colapsou, devido à força de gravidade, fazendo com que as partículas que a compunham se começassem a fundir lentamente, dando origem a corpos celestes progressivamente maiores.

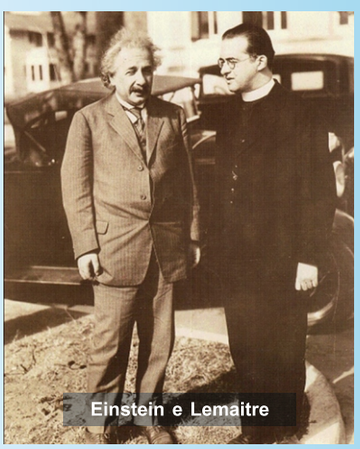
Anteriormente, o "Arrokoth" fora baptizado com o nome" Última Thule". Thule designava na, geografia medieval, qualquer lugar distante, localizado para além dos limites do mundo conhecido. O nome fora votado, em Março de 2018, entre os 34 mil apresentados a votação. No entanto, pouco depois, acabou por ser rejeitado dada a controvérsia levantada pelo facto de o partido nazi alemão ter tido origem numa sociedade secreta denominada "Sociedade Thule".

Acabou por ser escolhido o nome Arrokoth que significa céu, num idioma falado por nativos norte-americanos.

Immanuel Kant não era um astrofísico. Foi "apenas" uma dos maiores filósofos da nossa civilização. Mas o tema da origem do Universo é incontornável para qualquer ser humano, consciente ou inconscientemente, pois está na base de todos os nossos códigos éticos e religiosos. Por isso, Kant, integrado como estava num meio religioso repressivo, teve de expor a sua teoria muito cuidadosamente para não colidir com os "conhecimentos" de então, tornados dogmas pela ideologia dominante. Fê-lo num livro com um título muito extenso - "***História Geral da Natureza e Teoria do Céu, ou Ensaio sobre a Constituição e a Origem Mecânica do Universo na sua Totalidade, de Acordo com os Princípios de Newton***".

O livro foi publicado em 1755, mas foi na altura pouco divulgado, dado o facto da editora responsável pela publicação ter ido à falência. Kant conhecia muito bem os filósofos antigos e diz expressamente no seu livro que a sua teoria tem muitas semelhanças com as dos antigos atomistas - Leucipo, Demócrito, Epicuro e Lucrécio - mas o que eles concluem como resultado de um acaso, ele conclui que tal é consequência da ordem e das leis divinas.

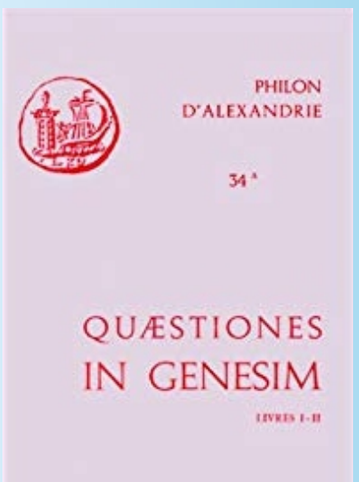
E foi com base na teoria de Kant que, em 1927, cerca de 172 anos depois, foi formulada a teoria do Big Bang, pelo padre cientista, Georges Lemaitre, teoria que hoje é comumente aceite como comprovada pela ciência e pela Igreja. Albert Einstein viria mesmo a dizer dela: **"Esta é a mais bela explicação da criação que já ouvi".**


Einstein e Lemaitre

Na verdade, são as pequenas partículas resultantes da explosão, aglomeradas em nuvens de poeira celeste que através do tempo e consoante a carga negativa ou positiva que possuem resultante da explosão, se repelem ou atraem ou, atingindo um equilíbrio, gravitam, que formam os elementos com que se constroem todos os corpos do universo e que Mendeleiev em boa ora ordenou numa Tabela Periódica. Nós, uma árvore, uma pedra, um cometa ou um planeta, somos materialmente um conjunto de elementos, todos constantes daquela tabela, combinados de uma determinada maneira que define a nossa especificidade.

Mas a preocupação de sabermos donde vimos e para onde vamos é transversal a todos os povos primitivos e constitui, de certa forma, o fio condutor do seu caminho civilizacional.

Na cultura judaico-cristã, o primeiro livro bíblico é o Génesis que, segundo a tradição hebraica, foi escrito por Moisés. Independentemente de se saber se Moisés foi uma figura real ou uma construção mítica, certamente que Moisés não criou por si uma teoria da criação do universo. Muito provavelmente essa figura, mítica ou não, se tenha limitado a compilar mitos que corriam de boca em boca do primitivo povo hebreu. E isto é tanto mais conclusivo quando, ao analisarmos as civilizações primitivas de outros povos, encontramos mitos similares - - como o do boneco de argila a que é soprada a vida - que tentam também eles explicar a origem do Universo, dando assim a entender que o Homo Sapiens que deu origem a todos os diferentes povos tinha uma consciência da sua origem. .



Mas centrando-me, de momento, no Genesis, é necessário, para compreendermos a evolução do pensamento humano cristão, analisarmos os diferentes trabalhos levados a cabo sobre aquele livro bíblico, quer por filósofos ateus quer por doutores da Igreja, como Santo Agostinho ou Tomás de Aquino.

Um dos primeiros trabalhos é do filósofo judeu, Philon de Alexandria, que escreveu, no século primeiro, uma obra intitulada "**Questões no Genesis**" em que dá conta que, na sua opinião, o Livro da Criação tinha sido escrito por Moisés um homem de grande sabedoria que usou símbolos para descrever a criação do Universo. Os seis dias da criação, por exemplo, não indicariam uma sequências de dias real, pois Deus fez tudo ao mesmo tempo. Segundo Philon, o número 6 seria apenas o símbolo da perfeição contida no Criador. Pois, afirma, esse número representa a perfeição numa sequência numérica já que é o único que pode ser explicitado por uma equação somando ou multiplicando os três primeiros algarismos. Na verdade o número 6 tanto pode ser representado por 1+2+3 como por 1x2x3! *(continua...)*

Mota Reis

rubrica

da saúde

ANDRÉ MAIA SILVA
Fisiatra - Médico especialista em
Medicina Física e de Reabilitação

Agora que tenho dores nas costas, tenho de viver com elas a vida toda?

A queixa de "dor no fundo das costas" define-se em linguagem médica como **Lombalgia**. É um sintoma muito frequente, principalmente nas sociedades desenvolvidas, associando-se a grande incapacidade, depressão e perda de produtividade.

A lombalgia relaciona-se habitualmente com um estilo de vida sedentário, má alimentação, tendência a obesidade, e associa-se a más posturas no trabalho e muito tempo na posição sentada. Este sintoma pode ter várias causas, e apesar das mais frequentes estarem associadas a alterações degenerativas da coluna, podem existir outras potencialmente mais graves e reversíveis. Deste modo, é fundamental que os doentes sejam avaliados adequadamente por um médico com experiência nesta área, que possa realizar a história clínica e um exame objetivo minucioso. Neste exame médico devem ser incluídos o exame neurológico e devem ser pesquisados eventuais desvios nas curvaturas normais da coluna, alteração da mobilidade dos seus segmentos, encurtamentos musculares, contraturas e testes específicos para este tipo de patologia.

Sempre que ache necessário, o médico deve requisitar os exames auxiliares de diagnóstico necessários, como sejam a tomografia axial computorizada (TAC) ou a ressonância magnética (RMN). Em primeiro lugar é fundamental que a avaliação médica exclua alterações graves que possam necessitar de tratamentos mais invasivos ou cirurgia. Posteriormente, o médico fisiatra pode prescrever medicação adequada e recomendar a realização de tratamento de reabilitação, sendo o fisioterapeuta um elemento fundamental neste processo. Além de aliviar os sintomas, pretende-se que o tratamento de reabilitação corrija os fatores predisponentes, como por exemplo desequilíbrios musculares e articulares.

O tratamento de fisioterapia recomendado pode ser feito no ginásio ou também dentro de água, sendo a hidroterapia um tratamento de excelência neste tipo de patologias.

O médico fisiatra deve aconselhar na utilização de posturas ergonómicas, adaptações no ambiente laboral (com colaboração de terapia ocupacional) e exercícios que pode fazer no local de trabalho e no domicílio. Sempre que necessário, o doente deve ser encaminhado para consulta de nutrição e deve ser prescrito o exercício físico mais adequado à situação clínica do doente, de forma a promover um estilo de vida saudável e prevenir o surgimento de novas queixas.

Em resumo, as queixas de lombalgia podem ter várias origens que devem ser investigadas pelo médico. O tratamento deve ser multifactorial e para além de aliviar a dor, devem ser corrigidos os fatores que a originaram. A fisioterapia e a hidroterapia podem ter um papel importante no tratamento, sendo também fundamental a procura por um estilo de vida saudável.

Assim, deixo a resposta à pergunta inicial:

«Não, apesar de ter dores nas costas, não tem de viver com elas a vida toda, tem de procurar a ajuda certa, cuidar de si e ter um estilo de vida saudável".

André Maia Silva, Médico de Reabilitação do CliHotel de Guimarães

rubrica

a nossa...

ESC

Será o cantar dos Reis cultura popular ?

"O conceito de cultura popular pode ter diferentes significados ou interpretações. A noção de cultura popular é relativamente recente, tendo surgido na Europa com o movimento romântico no início do século XIX, para colmatar o distanciamento existente entre cultura de elite e cultura do povo.
Na verdade, quando os intelectuais deram conta da existência de um conhecimento secular armazenado no povo que não estava escrito mas passava de boca em boca, passaram a interessar-se pelos hábitos e tradições desse povo de quem estavam tão distantes. Passaram a visitar as casas e as festas dos artesãos e camponeses para ouvir e aprender suas estórias e canções.
A maioria desses intelectuais descendia das classes superiores, que não conhecia o povo. Imaginavam-no natural, simples, analfabeto, irracional, enraizado na tradição e na terra, sem nenhum sentido de individualidade, despertando assim o interesse em conhecê-los. Esse movimento de valorização do povo pelos intelectuais, teve razões estéticas, intelectuais e políticas. O movimento teve uma característica de revolta contra a "arte" entendida como algo artificial e reagia contra o Iluminismo de Voltaire".

O Cantar dos Reis protagoni

O ensaio

O nervosismo da partida

COLAS

> "Educação não transforma o mundo.
> Educação muda pessoas.
> Pessoas transformam o mundo."
> Paulo Freire

nizado pelos nossos miúdos

O desempenho e o reconhecimento autárquico

A Mensagem

Somos pastores viemos cantar
Os seus amigos vieram visitar
Cantar os reis com muita alegria
Nasceu Jesus filho da Virgem Maria.

Os três reis do Oriente
Já partiram p´ra Belém
Adorar o Deus Menino
Que Nossa Senhora tem.

A estrela que os guiava
Foram ter a Jerusalém
Era a cidade de Herodes
Onde seu palácio tem.

O menino está no berço
Coberto c'o cobertor
E os anjinhos estão cantando
Louvado sej'o Senhor.

O Senhor por ser Senhor
Nasceu nos tristes palheiros
Deixou cravos deixou rosas
Deixou lindos travesseiros

O nosso muito obrigado
À Junta de Freguesia
Por tudo o que têm feito
Vos saudamos com alegria.

Estamos aqui a cantar
Como manda as tradições
Esta viva que aqui vai
É pra todas as instituições.

«A governança autárquica das escolas faz todo o sentido e é de saudar".

"A educação formal das crianças e jovens que, desde meados do século XIX, passou a ser uma incumbência não só das famílias, mas também dos Estados, é hoje uma das responsabilidades mais exigentes e complexas das políticas públicas nas sociedades modernas.

Complexa porque exige medidas de caráter pedagógico, organizacional, apoio social, currículos e conteúdos, infraestruturas e, claro, recursos humanos - professores, técnicos, adjuntos e auxiliares.

Complexo ainda porque exige adequação dos modelos de educação às legítimas e respeitáveis opções das famílias e dos alunos.

Complexas porque o investimento na educação exige recursos financeiros públicos e privados que são sempre finitos e escassos. Porém, as exigências dos cidadãos para um sistema educativo e formativo cada vez de melhor qualidade, mais eficiente e equitativo, tornam esta área de intervenção muito desafiante e cada vez mais escrutinada pela sociedade em geral.
....

Houve tempos em que a guerra era a única obrigação pública dos jovens (serviço militar obrigatório); agora é a escolaridade que se torna obrigatória. Não haverá dúvidas de que substituir a guerra pela educação e formação é dar lugar à inteligência em detrimento da força. É transformar a caneta numa arma mais forte do que a espingarda, é vencer pelo conhecimento e inovação.

...Se a escola é para todos, deve ser de todos, mas também deve ser uma escola de proximidade e adaptada às condições socioeconómicas, ambientais, climatéricas e culturais pelo que a governança local faz todo o sentido e é de saudar".

Abel Baptista, in Caderno de Apontamentos

rubrica

cidadania

O 25 de Abril e a Junta de Freguesia

antiga Sede da Junta

Três Jovens escuteiros vivem no bairro do Pontido, na Valinha. Dois pertencem ao escutismo de Polvoreira. O outro pertence ao escutismo da Costa mas casou com uma Polvoreirense. Os ventos de Abril agitam-lhe as mentes. Como escuteiros que são colocam a sua boa vontade ao serviço de uma comunidade que anseia pela renovação.

A junta de freguesia, de então, cumpre apenas, naturalmente, as funções para que foi designada pelo governo que a revolução dos cravos depôs.

Dela fazem parte, curiosamente, o Chefe dos Escuteiros, Adérito Cunha, e um membro da FNA, o recentemente falecido João Abreu. O presidente, Adão Mesquita, era reconhecidamente um homem bom.

O trio, cheio de entusiasmo, ouve falar em comissões administrativas. Sem mais decidem formar uma, *ad hoc*. Têm o apoio de amigos e conhecidos. Dirigem-se à Câmara e apresentam-se como tal. A Câmara também, ao que parece, gerida por uma comissão ad-ministrativa de igual teor, aceita a autonomeação.

O trio dirige-se aos anteriores mandatários e dá-lhes conta da situação. Sem qualquer oposição, sem qualquer azedume, entregam-lhes todos os documentos que transportam para casa num cesto de verga, desde os livros de actas, ao selo branco.

Arregaçam as mangas e mãos à obra. A junta não tinha sede e eles necessitam de um espaço para poderem trabalhar, aos fins de tarde ou noite dentro, depois de um dia de trabalho. Encontram-no ali, ao pé da porta. Uma garagem alugada no prédio do Leitão, na Malhadoura.

Fazem obras e instalam-se. Uma das primeiras tarefas que têm pela frente é procederam ao recenseamento da população que, em breve, iria ser chamada a votar. Árdua tarefa! São cadernos e cadernos que têm de preencher nos tempos em que os computadores eram para eles uma miragem.

A freguesia é grande e a sede estava situada num dos seus extremos. Havia cidadãos que tinham de percorrer quilómetros para se deslocarem à sede sempre que necessitavam de algo.

Abriram uma filial, na escola básica dos Carvalhos, numa cooperação entre escolas e junta.

Uma vez por semana, para lá se deslocavam para atender os seus confrades. Pouco tempo sobrava para outra tarefas.

Foram, entretanto, confrontados com a gestão do cemitério que era praticamente feita em exclusivo pelo pároco da freguesia. O enterro dos mortos era da responsabilidade de quem o Sr. Abade indicava. Embora com oposição, decidiram assumir aquela responsabilidade.

Lançaram uma taxa sobre todos os chefes de família, de cinco escudos, e contrataram alguém para proceder aos enterros graciosamente. Quem não pagasse a taxa, teria de assumir por si os custos do enterro.

O tempo corre. É tempo de eleições autárquicas. Agora era mesmo oficial. Teriam de apresentar listas e sujeitá-las ao veredito dos polvoreirenses. Organizaram-se numa a que deram o nome de LIPE - **L**ista **I**ndependente de **P**olvoreira. Deveria ser Lipo. Mas não lhes soara bem.

Ganharam as eleições com maioria absoluta. Começava um novo ciclo.

Hoje, lembramos apenas aquele grupo de jovens que voluntariosamente tomou sobre os seus ombros o destino de Polvoreira. Chamavam-se José Vitorino Gonçalves Neiva, Bernardino Faria e Domingos Castro. Este morreu pouco depois num acidente de trabalho. Em seu lugar assumiu funções Joaquim Ribeiro da Silva.

No dia da Freguesia, o executiva da Junta recordou e agraciou os protagonistas da 1ª autarquia que superintendeu nos seus destinos, no pós 25 de Abril.

A Direcção

José Vitorino Gonçalves Neiva, ou simplesmente Vitorino como é vulgarmente conhecido, nasceu em Cabeceiras, em 1948.

Com dois anos, o pai, trabalhador da Junta Autónoma das Estradas, trouxe-o, juntamente com a família, para Guimarães, onde fora colocado.

Inicialmente residiu em Serzedelo, passou por Nespereira mas acabou por se fixar em Polvoreira, onde completou a instrução primária na antiga escola da Valinha.

Seguiu-se o Seminário do Verbo Divino que frequentou até ao quinto ano. Em 1965, abandonado o Seminário, obtém emprego no Agostinho da Silva Areias, então já identificada como ASA.

Entretanto, adere ao escutismo e nessas actividades, trabalho e escutismo, ocupa a vida até ser chamado a cumprir serviço militar. Depois da recruta nas Caldas da Rainha e da especialidade em Tavira, é mobilizado para o então Ultramar, cumprindo a comissão em Moçambique, em Nampula. Ainda se aventurou em ficar por lá em Lourenço Marques, mas Armando Areias convenceu-o a regressar.

Regressado a Portugal, casou, em 1974, com Maria de Lourdes Teixeira e pouco tempo depois inicia-se na actividade empresarial. Funda primeiro a empresa têxtil, OLNEL, seguindo-se mais duas ou três, entre elas as Águas de S. Martinho e a Equacão dos Pontos, esta de que ainda hoje é titular.

Do casamento com a Maria de Lourdes tem dois filhos. Um, o César, empresário de hotelaria no Brasil, a outra. Susana Manuela, advogada, com escritório precisamente na Asa, onde Vitorino, décadas atrás, iniciou a sua actividade profissional.

Nota da Redacção

No próximo número da *Revista de Polvoreira* daremos seguimento à história de Jerónimo Dias.

Carta de um Químico, em dia de S. Valentim!

Querida ***Valência***:

Não estou a ser ***precipitado*** e nem desejo ***catalisar*** nenhuma ***reacção química*** irreversível entre nós dois, mas sinto falta de ***oxigénio*** quando a imagino a ***fervilhar*** no meu ***cadinho*** laboratorial.

Estrôncio perdidamente apaixonado. Garanto-lhe que não estou ***érbio*** nem ***enxofrado*** por qualquer desgosto de amor. Pelo contrário, as minhas ***moléculas*** hormonais estão estáveis, mas há muito que se não **combinam** e desejo muito que tal aconteça.

Tudo começou quando o ***Arsénio*** me a apresentou.

A ***Valência,*** - embora existam várias, é única ***valência*** da minha vida - estava num carro cor de ***prata***, com rodas de ***magnésio*** e jantes de ***liga leve***. A ***atracção*** entre nós foi tão **forte**, que de imediato acertamos os nossos ***coeficientes***, compartilhamos as nossas ***radiações***, e a ***ligação*** foi inevitável.

Lembro-me da nossa primeira ***experiência*** quando, no ***laboratório***, tentamos, com um ***bico de busen***, libertar os ***electrões*** que ***gravita***vam à volta de um ***protão de telúrio*** originando no meu ***núcleo atómico*** um tal abalo ***cósmico*** que só acalmou quando, disparado, atravessei uma ***ponte de hidrogénio***.

Acredite que estou a ser ***cério*** e ***brometo*** que nunca haverá ***gálio*** entre nós.

Espero sinceramente que não fique ***saturada*** com as ***bactérias*** deste amor cuidadosamente ***cultivadas nas Placas de Petri*** do meu íntimo e, pelo contrário, deseje que o ***maçarico laboratorial nos funda*** e vivamos para sempre rodeados de ***ouro, cobre e tungsténio.***

Todo seu. **Actínio***

Inspirado num texto do YouTube

Auschwitz e a Tabela Periódica

No mês passado, debrucei-me sobre os cento e cinquenta anos da Tabela Periódica.

Hoje, relembro os setenta e cinco anos que decorreram sobre uma data fundamental da nossa história, onde ficou retratado o pior do ser humano que a libertação de **Auschwitz** deu a conhecer.

É imprescindível saudar o conhecimento e, em simultâneo, reconhecer a animalidade que está dentro de cada um de nós, para que nos possamos conter individualmente e não permitir que essa animalidade tome conta do poder, como aconteceu no passado e ameaça acontecer no presente.

Para fazer a fusão entre o social e a ciência, trazemos hoje à liça o homem que, na minha opinião, a executou de forma soberba: Primo Levi. Se fosse vivo, teria festejado os cem anos no ano em que a Tabela Periódica festejou os cento e cinquenta. Primo Levi foi um químico Italiano, nascido em 1919. Como é conhecimento generalizado, durante a Segunda Guerra Mundial, os judeus, incluindo Primo Levi, sofreram discriminação racial.

Em 1943, os Aliados invadiram a Itália, o governo fascista de Mussolini foi derrotado e a Itália passou a lutar contra os alemães até final da Guerra. Primo Levi uniu-se a um grupo de resistência para lutar contra os alemães que ainda ocupavam o norte de Itália. O grupo foi traído por um espião e Levi foi preso, em 13 de Dezembro de 1944, e enviado para o campo de concentração de Auschwitz, na Alemanha. Dado os seus conhecimentos no campo da química, foi poupado e aproveitado para trabalhar na síntese da borracha.

Depois de libertado, escreveu, entre outros, dois livros fundamentais: **"Se isto é um homem"** e **"O Sistema Periódico"**.

No primeiro, publicado dois anos depois de ser libertado, em 1947, em pouco mais de uma centena de páginas, sem nunca ceder à tentação do melodrama e mantendo-se sempre dentro dos limites da mais rigorosa objectividade, descreveu a vida no Campo de Auschwitz e a luta pela sobrevivência num lugar onde a vida do homem já nada contava. Primo Levi denuncia no livro as atrocidades cometidas pelos nazis, indagando de forma subtil a existência, a dignidade e a condição humana.

Mantém indelevelmente presentes as memórias deste período fatídico da História que não deveremos, jamais, ignorar.

"Se Isto é um Homem" tornou-se rapidamente um clássico da literatura italiana e é, sem qualquer dúvida, um dos livros mais importantes da vastíssima produção literária sobre o nazismo.

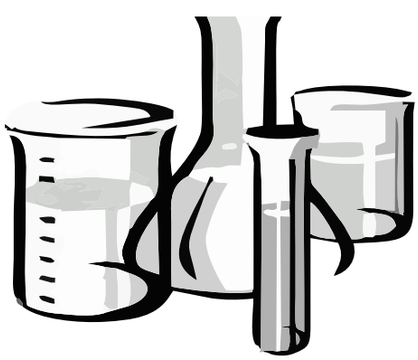
O livro intitulado "O Sistema Periódico", foi publicado em 1976, e, trinta anos depois, a Royal Institution of Great Britain, escolheu o livro de Levi como o melhor livro de todos os tempos, sobre ciência, vencendo concorrentes fortes como '*A Viagem do Beagle*' de Charles Darwin, e '*O Gene Egoísta*' de Richard Dawkins.

No livro, os elementos são apresentado em capítulos separados, de maneiras diversas, com metáforas, meditações, poesias e até com uso de narrativa ficcional como nos elementos chumbo, mercúrio e carbono.

Num dos capítulos, "Hidrogénio", dá-nos um belo retrato do jovem Levi, enquanto químico, e contém um dos momentos autobiográficos mais especiais de toda a obra de Levi. Trata-se da aventura que relata de, aos 16 anos, com seu amigo Enrico, no primeiro laboratório "rudimentar" instalado no fundo de um beco estreito, no seu bairro da Crocetta, em Turim, ter concluído, juntamente com seu amigo, que a vocação que perseguiriam na vida ser apenas uma:

"Seríamos químicos".

A. do Ribeiro do Pinto

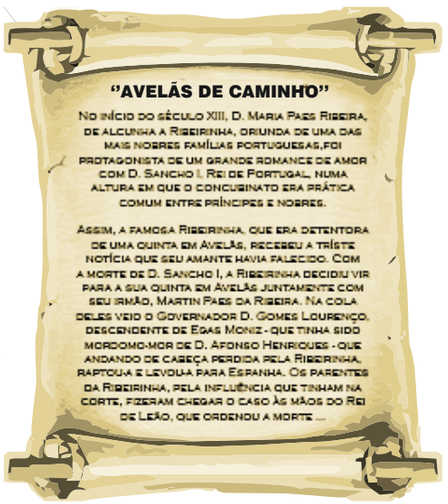


rubrica

os nossos colaboradores

Diário de Teresa Gil

Capítulo V



A Estória de Maria Pais da Ribeira
"A Ribeirinha"

Maria Pais da Ribeira, - continuou Martin Gil - que ficou conhecida na história como "A Ribeirinha", era uma senhora que tinha as três qualidades que fazem de uma mulher um perigo iminente para qualquer homem: bela, inteligente e audaz.

Filha do alferes-mor de Sancho I, Paio Moniz Pereira, o rei teve com ela seis filhos dos quais só quatro chegaram à maior idade. De uma delas já lhe falei há tempos. Foi Teresa Sanches que casou com Afonso Teles, o pai do titular do Castelo de Albuquerque onde estivemos hospedados a caminho desta cidade de Toledo e onde nos encontramos. Devido às tais qualidades que lhe referi, a influência que Ribeirinha tinha no rei era tanta que o induziu, nas cortes de Lamego de 1208, a doar-lhe, em Vila do Conde, as herdades de Quintela, Touguinha e Formariz e a honrá-la com o título de "Senhora de Vila do Conde".

- Devia ser mesmo muito bela para levar um rei a desleixar-se no cuidar dos interesses do reino para cuidar dos interesses da sua amante!

- Mais que bela, porque isso, numa mulher, nunca pode ser um defeito, era audaz e inteligente que não sendo igualmente defeitos, reunidos numa mulher, a tornam bem mais perigosa que o próprio Almançor. Lembra-se daquela história do rapto que foi aflorado, em Albuquerque?

- Sim, lembro muito bem - respondi-lhe. Aliás, como curiosa que, confesso, sou, desde esse dia jamais a história do rapto deixou de me azucrinar a mente.

- Conte lá - continuei.

- Quando Sancho II morreu, a Ribeirinha, que vivia na corte, resolveu refugiar-se, depois do funeral do seu amado rei, em Março de 1211, em Avelãs do Caminho, onde existia um paço real, devidamente acompanhada pelo seu irmão, Martin Pais da Ribeira. A caminho, - e talvez por isso Avelãs passou a ser conhecida como "do Caminho" - foi raptada por Gomes Lourenço de Alvarenga que, há muito, por ela se apaixonara e a levou para o reino de Leão. Usando o seu poder de sedução, a Ribeirinha convenceu o raptor, no aconchego dos lençóis da sua alcova, que estava apaixonado por ele mas gostaria muito de regressar à sua Vila do Conde. Ela própria - prometeu-lhe - confessaria ao rei que consentira no rapto, que estava apaixonada e queria casar com ele e o rei, certamente, lhe perdoaria. Gomes Lourenço foi na cantiga. Mas logo que se apanhou em terra firme, na corte de Leão do rei D. Fernando, a Ribeirinha, espumando de raiva, acusou-o de rapto e exigiu justiça. O pobre do Gomes Lourenço, que era da família do Egas Moniz foi, mesmo assim, condenado à morte e enforcado.

- Cruzes. Credo. Até fico arrepiada!

- Pois é. Aquela mulher era muito perigosa. Ouça mais. O nosso avô, que Deus dê paz a sua alma, administrava o senhorio da Maia que, como sabe, se estende do rio Douro ao Lima. Ora, quando a Ribeirinha voltou a Portugal e a Vila do Conde, como Senhora da margem esquerda do rio Ave, impôs ao seu mordomo que reivindicasse junto dos barcos de comércio que aportavam à foz, tributos avultados. Isto fez com que tais barcos deixassem de ali acostar e se perdessem muitas das receitas que o comércio trazia às terras da Maia. Mas, pior ainda. Parece que a Ribeirinha acicatou um espécie de seu enteado, porque filho de D. Sancho e da outra barregã, Maria Aires de Fornelos, que se refugiara em Límia, a terra de seu actual esposo...

Convento de Sta. Clara em Vila do Conde, fundado por Teresa Martins, titular do padroado de Polvoreira nos primeiros decénios do século XIV, e que era tetraneta da Ribeirinha.

- Esposo? Esposo, como?

- Ah! Desculpe. Esqueci-me de lhe referir. Regressada a Portugal, a Ribeirinha casou logo com um galego, chamado João Fernandes de Límia que era neto de Urraca Henriques, irmã de Afonso Henriques, naturalmente filha de D. Teresa e do Conde D. Henrique.

- Essa mulher era levada do diabo – disse eu e, de imediato, fiz instintivamente o sinal cruz para afastar de mim o chifrudo.

- Tem razão. Era lúcifer em forma de gente. Então, esse Martin Sanches, o tal bastardo de Sancho I, aquando da herança das sobrinhas, filhas do rei Afonso, o segundo do nosso reino, colocou-se ao lado delas contra o rei e para sua segurança saiu de lá e foi-se acolher em terras galegas, pertencentes ao esposo da rival de sua mãe.

Aí, em Límia, reuniu uma grande hoste de soldados e, talvez incitado pelo arcebispo de Braga, Estevão Soares da Silva, inimigo do rei e irmão da nossa tia-bisavó, Estevainha Soares da Silva, que, como a Teresa sabe, foi a nutritora do nosso Sancho e do senhor nosso pai, invadiu o Minho, inclusive o nossa padroado de Polvoreira, e devastou tudo à sua passagem. O nosso avô, João Pires, bem lutou contra ele, na lide da Várzea, mas acabou derrotado acabando por o rei D. Afonso, seu meio-irmão, correr com ele definitivamente para a Galiza.

Nuno A.P.O.E. de Abreu

O Papa Francisco e a necessidade da autocritica por parte dos decisores da Igreja

Francisco foi eleito Papa, a 13 de Março de 2013, faz sete anos daqui a dias.

Decorrido cerca de ano e meio, depois de iniciar o pontificado, no Natal de 2014, após análise aos procedimentos dos seus colaboradores na Curia, apontou-lhe 15 doenças graves, algumas mesmo, gravíssimas, na sua descrição.

"Uma Cúria que não faz autocritica, que se não actualiza e não tenta melhorar, é um corpo doente".

Continuava: "**Uma outra doença, gravíssima, que detectei é da rivalidade e da vaidade. Transformam as roupas, os adereços, as insígnias no objectivo prioritário da sua vida**."

Afirmava ainda: **"O representante da igreja deve ser uma pessoa amável, serena e entusiasta, uma pessoa alegre que transmite alegria"**.

Será que a hierarquia da Igreja portuguesa fez ouvidos de mercador ao sentir o vibrar destas palavras nos seus tímpanos?

Um exemplo, vindo de uma diocese vizinha.

Em Março de 2012, o jornal "O Público", publicava uma reportagem intitulada: "O Inferno dos Padres Lima".

Ali se publicitava a história um pouco insólita, de quatro irmãos padres. A de um deles, Adão Lima, pároco das freguesias de Deão e Subportela de Viana do Castelo, dá que pensar. Este padre, era acusado por uma paroquiana, Rosa Gomes, que tinha contribuído com 500 € para a igreja, de ter um defeito muito grande: "Ser doente por dinheiro."

As acusações contra o pároco, vão desde a recusa da confissão a doentes, à ameaça de excomunhão dos que recusam financiar obras da Igreja, passando pelo envio de envelopes para casa dos paroquianos para que os remetessem com dinheiro. "Chegou a dizer, durante a homilía, que quem não quisesse dar o dinheiro podia pegar nele, comprar veneno e envenenar-se". O presidente da Junta de Subportela, Ilídio Rego, afirmou "Já chega de ameaçar, enxovalhar e humilhar os paroquianos." E o Pároco acabou por sair daquelas paróquias.

Decorreram oito anos. **Em 13 de Janeiro de 2020**, o jornal "O Público", publicava:

"Cerca de uma centena de fiéis aguardava o início da missa das 17h30, de sábado, na igreja de Santa Leocádia de Geraz do Lima, Viana do Castelo. Um dos padres que "a paróquia arranjou para garantir o culto" preparava a eucaristia. O padre Adão Lima e o arcipreste apareceram no altar e as pessoas ficaram surpreendidas. O padre que ia celebrar a eucaristia também não estava a contar e ficou numa posição ingrata. A maioria das pessoas abandonou a igreja e, à saída, desligou as luzes do templo, manifestando a sua indignação", disse Agostinho Lima, porta-voz dos fiéis.

Os paroquianos impediram, assim, a posse do padre Adão Lima, nomeado em Maio do ano passado, após a morte do sacerdote João Cunha. Consideram que Adão Lima é "uma pessoa materialista, com grandes sinais de riqueza, autoritário, inacessível, não dialogante e um mau exemplo" para a comunidade. "Qualquer outro padre será bem recebido, menos o que foi nomeado pela Diocese". Sendo do conhecimento público a reportagem acima assinalada, não deveria ser obrigação do bispado de Viana do Castelo esclarecer devidamente os paroquianos da nova paróquia para onde nomeava o Padre Adão Lima, das razões ou não razões dos problemas havidos com ele anteriormente?

A Igreja pode pôr e dispor da consciência dos seus fiéis, construída pelo conhecimento de factos e, puramente, ignorá-los?

"A cultura e a Igreja; a Igreja e cultura. Ambas as palavras andaram de mão dadas durante a troca de ideias sobre o lugar que ambas ocupam nas sociedades contemporâneas. Quem passou ontem, sexta-feira, pelo auditório da sede da Junta de Freguesia de Urgezes para ouvir o colóquio entre figuras da cultura vimaranense e da Igreja, assistiu a uma conversa em que as convergências superaram as divergências. "É importante falar da cultura na igreja e da cultura da Igreja. Farei uma introdução para mostrar que a igreja está atenta à cultura e que não são adversárias. Pelo contrário", dizia, em jeito de antecipação, o pároco da freguesia, Francisco de Oliveira".

Parabéns Paróquia e Junta de Freguesia de Urgeses!

JANELA DA SAUDADE

FALECEU

José António Silva Machado

Rua Cte João de Paiva F. L. B.
Polvoreira, Guimarães

FALECEU

D. Maria de Belém Martins

Rua Casal do Fardel, n.º 81
Polvoreira, Guimarães

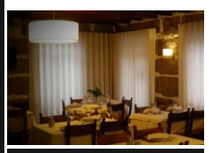
FALECEU

D. Rosa Mendes de Almeida

Rua das Oliveiras, n.º 20 R/C
Polvoreira, Guimarães

AGÊNCIA FUNERÁRIA
SÃO PEDRO
DE POLVOREIRA, LDA.

253 523 580
253 524 057
966 037 910
966 618 931
funerariasaopedro@sapo.pt



CAFÉ RIO
RESTAURANTE

253 523 841
936 806 682
934 801 904
FRANGO À RIO
POR RESERVA E
OUTROS PRATOS

R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233
4835 - 192, Polvoreira, Guimarães

SOTOCAL
Est.1960
FRANCISCO TEIXEIRA
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
931 604 572

COMPRO E VENDO
EQUIPAMENTOS USADOS
FRANCISCO TEIXEIRA
N E G Ó C I O S
Polvoreira - Guimarães
931 604 572
franciscoteixeiranegocios@gmail.com

VITÓRIA S.C.

Talho Oliveira
Rua das Oliveiras - Polvoreira - GMR
TLF: 253 524 010 - TLM: 917 537 242

RESTAURANTE
TREVO
GUIMARÃES

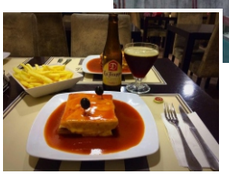
Rua Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 2005
Polvoreira - Guimarães
253 522 372

CASA DOS
BOMBOS ALVES
José Manuel Salgado Alves
Rua N.ª Snr.ª de Fátima, 524
Polvoreira, Guimarães 962 930 407

O Pontido -
- Café Snack Bar, Lda

Largo Campo da Casa Nova 48,
4835-144, Polvoreira, Guimarães
253 523 136

Café Areal Since 2000



Rua Ribeiro da Ponte, 530
Polvoreira - Guimarães
253 522 444

paulocar

Estrada Nacional 105, n.º 1531
Polvoreira, Guimarães
932 665 701

Filipe Abreu
Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt
T. +351 253 464 888
M. +351 916 987 933

Rua António Costa Guimarães, 2861
4810-491, Urgezes, Guimarães
fidelidade.pt

TECNOLOGIAS
ESTRATÉGICAS
Sonhe, nós
desenvolvemos!

Equipamentos e Serviços de Informática, S.A.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 424 570
Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

Apoie as associações de Polvoreira!

A. P. SOFT
Joaquim Araújo
A. P. SOFT - Programação e Serviços, Lda.
Consultoria Informática
Assistência técnica
Formação
SOFTWARE DE GESTÃO - PRIMAVERA SOFTWARE
Loja de Informática - Computadores IBM / HP / DELL / Asus / Lenovo
Redes / Internet / Serviços Multimédia / POS / Acessórios
252 510 048 - 963 936 200 apsoft@apsoft.pt
Rua Cmt. João de Paiva Brandão, 233, Polvoreira
4835-175, Guimarães GPS: *N 41.42014 - W -8.30070*

SINCRONIDEIA
Data Privacy & Security

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727

geral@sincronideia.pt

CliHotel
de Guimarães
253 424 400
E.N. 105, nº 787 - 4835-164, Guimarães